

A Caminhada do povo de Deus na América Latina

(Extratos do estudo elaborado por bispos e teólogos e apresentado por Dom Marcelo Pinto Carvalheira, Bispo Auxiliar da Paraíba, na Assembléia Geral dos Bispos do Reginal NE II, a 2.4.78, em REB, vol. 38, pág. 150, junho 1978).

Uma Igreja obediente à Palavra de Deus e atenta aos sinais dos tempos

Foi por obediência à Palavra de Deus lida e meditada nas Escrituras que a Igreja se sentiu impulsionada a comprometer-se com a realidade dos pobres e dos que sofrem. A fé verdadeira e salvífica implica o amor comprometido com a libertação do oprimido. Uma vez inserida na realidade dele a Igreja deu-se conta das causas estruturais geradoras da situação que, a seus olhos, é pacado porque fruto de relações injustas. O maior conhecimento da realidade dos pobres ajudou a comunidade a ler com mais compreensão as Escrituras e a compreender com mais precisão a preferência de Cristo pelos pobres e renovar num nível mais profundo a motivação evangélica inicial de comprometer-se com os necessitados.

Outras vezes foi a atenção aos sinais dos tempos como a miséria generalizada, a concentração da riqueza nas mãos de poucos, a profunda fé do povo apesar das injustiças, que levaram a Igreja a ler a Palavra de Deus e a perceber a contradição que existe entre o projeto de Deus sobre o mundo e o projeto presente em nossa sociedade capitalista. Seja partindo da Palavra de Deus, seja partindo da realidade dos pobres, interpretada à luz da Palavra de Deus, a Igreja se sentiu confirmada na justeza de sua opção por uma presença transformadora no submundo dos oprimidos. (1)

Uma Igreja que comunga o sacramento do pobre

Inspirada no Evangelho a Igreja tenta fazer uma clara opção pelos pobres que compõem as grandes maiorias dela mesma e da sociedade. Não se trata de uma opção exclusivista. O Evangelho é universal porque se destina a todos os homens. Mas ele é anunciado pela Igreja a partir da perspectiva dos pobres. A partir do lugar social deles, ela se comunica com as outras classes sociais, dirigindo-se a cada uma dentro das características próprias e fazendo apelos de conversão e de audiência do Evangelho consoante as exigências da justiça que atendam aos reclamos dos pobres. Nisso a Igreja se comporta como Jesus. Ele anunciou a boa-nova preferencialmente aos pobres; não os julgou nem recriminou, senão que os chamou de bem-aventurados. Dirigiu-se também aos fari-seus, admoestando-os severamente pela forma de dominação religiosa que exerciam sobre o povo. Atendia os publicanos comprometidos com o sistema financeiro montado pelos romanos, chegando a cear com eles, mas fazendo-lhes notar o caráter injusto de sua riqueza como a Zaqueu. Como se depreende, seu anúncio é universal porque se dirige a todos, mas é um universal concreto porque atinge a cada um em sua situação própria a partir das exigências de justiça que são aquelas próprias dos pobres. Assumir a posição dos pobres é condição necessária se quisermos compreender o Evangelho como boa-nova.

Esta opção pelos pobres está, portanto, aberta para todas as direções. Especialmente está aberta para baixo, porque a Igreja não se interessa preferencialmente

1. Card. Roy, Presidente da Comissão Justiça e Paz, em SEDOC 6 (1973) 51ss; Carta Pastoral dos Bispos do Uruguai, em SEDOC 8 (1976) 1143-1152, especialmente col. 1148.

apenas pelos pobres, senão também pelos miseráveis que não têm nenhum peso histórico e que são desconsiderados pelos interesses revolucionários porque não possuem nenhum potencial de luta. A estes o Reino é especialmente destinado e a igreja de modo particular é enviada. Esta opção está aberta também para cima porque a Igreja é Igreja de todos os homens que se convertem ao Evangelho, também os poderosos e abastados aos quais ela lhes urge a solidariedade para com os humilhados e ofendidos, implícita em sua adesão ao Evangelho.

Os pobres antes de constituir para a Igreja uma classe social, cujos interesses se contrapõe aos de outra, são todos aqueles que se encontram sem defesa e são injustiçados porque não conseguem fazer valer seus direitos face à justiça controlada pelos que detêm o poder e o exercem em função de seus interesses. Por isso são os "submetidos, abaixados e humilhados" (anawim) injustamente pelos poderosos. A Igreja os privilegia pelos mesmos motivos pelos quais Jesus os privilegiou e os chamou de bem-aventurados. Jesus os considerou os destinatários preferidos do Reino não porque idealizavam sua pobreza, nem por causa de suas disposições interiores e espirituais abertas à mensagem, mas por causa de Deus mesmo que concebe o exercício de sua função de Rei como defesa do direito dos espoliados e realização da justiça dos empobrecidos. Optar pelos pobres é optar então em favor da justiça, contra as relações sociais que geram um quadro permanentemente de injustiça.

Nestes pobres a Igreja está fazendo uma profunda experiência espiritual do encontro com o Senhor. Os pobres constituem o sacramento do Reino messiânico e do Messias que se identificou com eles sendo um pobre com os pobres (Mt 25, 31-46). Propagando o sacramento dos pobres, unindo-se às suas lutas pelo reconhecimento de seus direitos, ela sentiu estar comungando com o próprio Jesus, presente, anônima mas realmente, neles. Por isso sempre que a Igreja assume as causas dos pobres e faz corpo com eles ela não erra, porque atualiza e renova a opção que o próprio Senhor fez quando andou entre nós.

Inicialmente, a Igreja optou pelo progresso porque entendia que por este caminho passava a redenção dos pobres. Mas na medida em que começou a viver a vida deles e a ver a sociedade a partir de sua ótica, deu-se conta de que o progresso era feito contra os pobres e à custa dos pobres. O tipo de progresso postulado pelo sistema capitalista vigente em nossas sociedades é excludente e exige um preço a pagar que é pago pelos pobres que ficam cada vez mais pobres e lançados numa espiral crescente de marginalização.

A Igreja se concentrou na luta contra o que impede o povo caminhar e participar na construção de uma convivência mais honesta. Viu claro que ao invés de um progresso em moldes capitalistas deve fazer um salto qualitativo na direção de uma sociedade mais participada, mais fraterna e mais equilibrada que rompa os mecanismos geradores de pobreza generalizada. A isso Medellín chamou libertação que, integral e produtora de condições reais de equidade e justiça, deve ser lida pela fé como antecipação no tempo e no espaço da própria salvação e do Reino de Deus.

*Uma Igreja que empresta sua voz
a quem não tem voz nem vez!*

A solidariedade com os pobres levou a Igreja a tomar a defesa dos direitos dos oprimidos. Não se trata simplesmente de defender os direitos humanos abstratamente, mas biblicamente, os direitos dos humildes e oprimidos. A igreja entendeu que evangelização como anúncio da boa-nova de Deus implica essencialmente o restabelecimento das relações de equidade. A violência contra os humildes é violência contra Deus, porque quem viola a imagem e semelhança de Deus, vilipendia o próprio protótipo, Deus. A Igreja soube emprestar sua voz a quem não tem voz nem vez. Por causa dos pobres se enfrentou com os aparatos repressivos e a propotência dos poderes estabelecidos. (2)

2. Bispos e Superiores religiosos do Nordeste, Eu ouvi os clamores do meu povo, em: SE-DOC 6 (1973) 607-629.

*Uma Igreja profética que pode dizer:
Não oprimas teu irmão!*

A opção preferencial pelos pobres e a defesa de seus direitos conferiram um caráter profético à Igreja: ela teve que denunciar abusos e anunciar as exigências cristãs para uma ordem política. Enfrentou-se com o Estado autoritário. Não porque deva ser contra o poder estabelecido, antes pelo contrário, vê nele uma diaconia legítima, querida por Deus para o bem da ordem social. A Igreja se sentiu obrigada a interpelar os poderes constituídos para cobrar-lhes seu dever de serviço à justiça e ao bem comum para todos e não apenas o bem para as classes privilegiadas. Teve corajosamente que denunciar como os profetas de outrora: não te é lícito (Mc 6, 13)! Não oprimas teu irmão! (Lv 25, 14)!(3) Ela pretende ter com preendido: ou vive em harmonia com os poderosos estabelecidos e então tem que fechar os olhos à miséria do povo e renunciar a evangelizá-lo ou então se faz solidária com ele e aceita as tensões com os poderes, com a seqüela de perseguições que corre o risco de sofrer. Ela escolheu a segunda alternativa. Como diziam os mártires antigos: é preferível a glória de uma morte violenta que o gozo de uma liberdade maldita.

*Uma Igreja que completa em si o que
falta à paixão de Cristo*

O compromisso com os pobres, as perseguições sustentadas por causa da justiça geraram já mártires em muitas Igrejas de nosso continente. Muitos foram considerados suspeitos de subversão política, difamados, perseguidos, aprisionados, torturados e até mortos. Contam-se entre eles bispos, sacerdotes, religiosos, leigos ativos e gente humilde do povo. Mas a Igreja não se sentiu amedrontada porque a fé exorciza os medos; desde que Jesus Cristo conheceu a mesma sorte e ressuscitou, ao cristão não é mais permitido ficar triste. Ele segue Jesus. Participa de sua vida e comunga com seu destino. Todas estas estações da via-sacra dos cristãos

são produzidas por aqueles que não aceitam as exigências postuladas pelo Reino de Deus que implicam modificações qualitativas no modo de pensar e de agir na direção da fraternidade e da justiça para todos. O Reino de Deus se constrói contra o Reino deste mundo assentado no projeto do poder da riqueza excludente e não na capacidade de partilha. As reações são acolhidas pelos cristãos não com mágoa e com medo mas com o espírito corajoso das bem-aventuranças, firmados nas palavras do Senhor que nos assegurou: confiai, eu venci o mundo (Jo 16, 33). Os mártires de nossas Igrejas constituem o fundamento sobre o qual se está construindo a nova presença da fé no meio de nossos povo.

*Uma Igreja, espaço institucionalizado
para práticas libertadoras ..*

A Igreja por causa de seu testemunho em favor dos pobres tornou-se um sinal de humanidade e de solidariedade. Não são poucos aqueles que, cheios de boa-vontade e com uma opção pelo povo, procuram a Igreja para nela poderem ajudar na transformação da sociedade em contacto direto com as camadas populares. Muitos deles não compartilham da fé da Igreja e, apesar disto, pela alta densidade de significação que a Igreja conquistou, a procuram e, junto com Ela, dentro de serviços comunitários, servem ao povo sofrido. A Igreja presta, assim, uma *nova diaconia* a estes homens de boa-vontade, pois se tornou um campo operacional claro de serviço ao povo, já que as estruturas sociais se constroem elitisticamente a serviço das camadas mais privilegiadas. A Igreja, com vigilância e prudência, para não ser manipulada, compreendeu a nova missão que lhe está sendo destinada.

A Igreja da América Latina vive dentro de um regime social marcado pelo capitalismo dependente, associado e excludente. Este fato traz consigo uma série de impasses para a vida coerente da fé.

Trata-se de uma sociedade *capitalista*: ela privilegia o capital sobre o trabalho e a apropriação privada dos benefícios produzidos pelo trabalho de todos. As comunidades cristãs estão tomando crescente consciência da contradição básica que vigora entre o projeto evangélico e o projeto capitalista: este é individualista, visa

3. Assembléia Geral regional de São Paulo, Não oprimas teu irmão em: SEDOC 8 (1976) 729-731.

a maior acumulação possível com reduzida responsabilidade social. Ao passo que o projeto evangélico honra o trabalho, favorece a participação de todos e magnifica a fraternidade. Como a Igreja não detém mais o controle ideológico da sociedade, sua pregação e sua atuação conflitam permanentemente com os ideais videntes da sociedade capitalista, e com as práticas que eles legitimam.

Vivemos numa sociedade capitalista *dependente*: a sociedade latino-americana em seu aspecto econômico, político e cultural se constituiu, desde seus primórdios, dentro do processo histórico do capitalismo mundial, com formações dependentes de centros hegemônicos e com relativa autonomia. Atualmente a dependência é uma situação estrutural na ciência, na técnica, nas formas da organização política e na elaboração das idéias e ideais. Nossa voz é eco da voz dos outros dominantes do sistema capitalista mundial. A dependência produz como resultado a impossibilidade de o povo organizar um projeto nacional com características próprias. A interdependência é inevitável e, de si, boa; mas se torna iníqua quando se faz sob formas desiguais, implicando dominação de uma parte sobre a outra e produção de relações injustas a nível internacional.

Encontramo-nos inseridos num sistema capitalista, dependente e *associado*: as sociedades latino-americanas ocupam *um* lugar dentro do capitalismo mundial, associado e integrado em todos os seus aspectos a ele; elas se encontram associadas ao destino do sistema global. Como os pólos dominantes detêm o monopólio financeiro, técnico e ideológico (orientando a política) são eles que estabelecem a divisão internacional do trabalho, vale dizer, o que cada país pode produzir, sob que condições, para quem etc.; são eles que estabelecem os marcos para a organização social e as justificativas que ela

se dá a si mesma. A homogeneização do espaço econômico mediante as transnacionais fortaleceu, como nunca dantes, os laços da dependência e associação ao sistema global.

O sistema sob o qual nos toca viver é do capitalismo dependente, associado e *excluyente*: ele é, por natureza, concentrador dos benefícios nas mãos de alguns. Por isso mostra sua face excludente, antipopular e geradora de contínua e crescente depauperação do povo. Nos últimos 10 anos aumentou o fosso que separa ricos e pobres, fazendo dos pobres mais miseráveis ainda. Esta situação aprofundou as contradições sociais, aumentando o potencial reivindicador dos grupos espoliados. A resposta do sistema excludente foi a implantação de Estados militares repressivos, chamados também de Estados de Segurança Nacional. Não se trata tanto de defender a nação contra uma possível ameaça externa ou interna, mas defender a sociedade capitalista com os privilégios do capital contra as exigências de mudanças estruturais das classes marginalizadas. Estes Estados organizam uma política que amplia e incrementa a taxa de lucro que permita a formação de capitais capazes de desenvolver uma infra-estrutura econômica mais concorde com as estratégias de integração industrial entre o grande capital transnacional e os aparelhos produtivos latino-americanos com as seqüelas funestas de ordem política e cultural.

Esta situação leva consigo um estado permanente de violação dos direitos humanos, especialmente dos direitos dos pobres, devido à dinâmica norma do progresso e da industrialização em moldes capitalistas. Esta situação constitui, pelo seu caráter estrutural e global, o maior impasse para a caminhada do povo de Deus, empenhado em sua própria libertação.

CARTA AOS ELEITORES

No dia 15 de novembro deste ano teremos eleições.

Então muitas pessoas, membros da Igreja ou não, querem puxar a Igreja para o seu lado. Querem que a Igreja apóie certo partido ou até certo candidato. Outros querem que a Igreja nem se meta em política.

Mas a Igreja está no mundo. A Igreja é a voz de Deus no mundo. Tudo o que preocupa o mundo, preocupa a Igreja. Se a gente acha que a Igreja não deve ligar para certas preocupações, então a gente nega a Deus e despreza o mundo.

Por isso nós nos preocupamos com as próximas eleições. Eleições são feitas para o povo organizar a sua vida. Portanto precisamos, nós e vocês, estar preocupados mesmo!

Pois cremos e pregamos que Deus se tornou homem em Jesus. Com isso Deus se envolveu totalmente na vida humana e nos chama a fazer o mesmo. Ele espera a nossa cooperação na criação do seu novo mundo entre nós.

Cremos e pregamos que Jesus aceitou e abençoou crianças, ouviu e cuidou de esquecidos, ouviu e curou doentes, não deixou o povo ir embora com fome, viu e ajudou a quem trabalhou em vão. Com isso Jesus mostrou o seu amor para com as pessoas e quer que a gente faça isto também. Jesus se faz representar pelos que não têm vez e não têm voz e espera que o enxerguemos neles.

Creemos e pregamos com o Apóstolo Paulo que o nosso "corpo é o santuário do Espírito Santo". Significa: tudo o que se refere ao corpo e à vida entre as pessoas: o convívio entre homem e mulher, pais e filhos, cidadãos e cidadãos, povo e governo — tudo isto deve ser agradável a Deus. Na nossa situação isto significa servir àqueles que não têm nem coragem de falar.

Creemos e pregamos com o Reformador Martim Lutero: "Faze ao próximo o que Cristo fez a ti, e deixa que todas as tuas obras, como toda a vida, sejam dirigidas a teu semelhante. Tua vida seja esta: que sejas útil a quem precisa de ti tanto quanto podes, com corpo, bens e honra".

Já que se fazem eleições para o povo organizar a sua vida e Deus quer que esta vida seja organizada para o bem de todos:

Achamos que ninguém pode representar o povo e administrar os seus bens se não for eleito diretamente pelo próprio povo.

✓ Achamos que todos os brasileiros, homens e mulheres, que completaram 18 anos, devem ter o seu título de eleitor para que possam escolher os seus representantes e governantes.

Chamamos a atenção que o voto é livre:

ninguém é obrigado a dizer em quem vota;
ninguém deve trocar o seu voto por um favor;
ninguém deve votar em alguém por gratidão;
ninguém deve se amarrar a alguém: amarrar é coisa que se faz com animal no curral; gente não se amarra.

Chamamos a atenção que a lei proíbe obrigar alguém a votar em determinado candidato (voto de cabresto);

que a lei estabelece dois partidos legais: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Cada eleitor pode escolher seus candidatos de um destes partidos.

Entendemos que um bom candidato sabe escutar vocês;
não decide em lugar do povo, mas com o povo;
ajuda o povo a andar com os seus próprios pés;
gosta das organizações do povo e as apóia.

Entendemos que um bom candidato tem coragem de dizer “não” a
tudo o que prejudica o povo;
luta por preços justos para os produtos e salários justos
para o trabalho de vocês;
mostra tudo isso não só perto das eleições.

Chamamos a atenção para os candidatos que só enxergam e atendem
vocês em época de eleições: participam dos cultos, das
festas da igreja, fazem discursos, prometem estradas, es-
colas, postos médicos, energia, telefone. Eles são caça-
dores de votos e não merecem confiança.

Chamamos a atenção para os candidatos que dizem que tudo aquilo
que está sendo feito no Município, no Estado e no Brasil
é feito por eles ou pelo partido deles, como se fosse um
favor. Isto não é verdade! As obras públicas são feitas
com o dinheiro dos impostos que vocês pagam. Obra pú-
blica não é presente de político ou de partido, mas é um
direito que vocês têm.

Olhem bem para os que apresentam e acompanham os candidatos.
Eles lutam com o povo ou só por sua panelinha? Eles
ajudam aos que fazem alguma coisa em favor da região
de vocês ou procuram atrapalhar?

Sugerimos que vocês se reúnam em pequenos grupos para pensar jun-
tos em suas dificuldades: falta de estradas, rede elétrica,
escola, posto de saúde, preço justo para os produtos,
salário justo para o trabalho, legalização de terras. Nes-
tes grupos vocês vão descobrir juntos o que precisa ser
feito. Os bons candidatos vão ficar alegres em aprender
com vocês.

Assinam 19 pastores
da
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
no Estado do Espírito Santo:

Albérico Baeske – Vitória
Norberto Berger – Alto Jatibocas (Itarana)
Waldir Berger – Colatina
Lírio Drescher – Laranja da Terra (Afonso Cláudio)
Joachim Dürkop – Serra Pelada (Afonso Cláudio)
Geraldo Graf – Crisciúma (Afonso Cláudio)
Roberto Hollerbach – Vila Valério (São Gabriel da Palha)
Vitório Krauser – Rio Posmoser (Santa Leopoldina)
Ido Port – São Bento (Pancas)
Elguido Pumpmacher – Córrego Bley (São Gabriel da Palha)
Helmar Roelke – Baixo Guandu
Anthony Roos – Afonso Cláudio
Gerhard Sauter – Palmeira de Santa Joana (Itaguaçu)
Orlando Schmidt – Vila Pavão (Nova Venécia)
Emil Schubert – Santa Maria de Jetibá (Santa Leopoldina)
Henrique Seick – Linhares
Edgar Vollbrecht – Jequitibá (Santa Leopoldina)
Liro Vollbrecht – Córrego Peneiro (Nova Venécia)
Omar Weirich – Afonso Cláudio